

JUVENTUDE E VIOLÊNCIA: O MAL -ESTAR NOS LAÇOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS**YOUTH AND VIOLENCE: THE DISCONTENT IN CONTEMPORARY SOCIAL BONDS**

Marco Aurélio de Patrício Ribeiro¹
Lirian Filgueiras Mascarenhas²

RESUMO

O presente artigo aborda a violência como uma preocupação da nossa atualidade. Sua imprevisibilidade e a crescente consciência da impotência e insegurança do sujeito, acaba produzindo, no imaginário social, a representação da violência como uma força pulsional cega e incontrolável que leva a degradação social, favorece a banalização da vida e faz emergir as tendências destrutivas do sujeito. No entanto, embora a violência apresente uma dimensão constituída pelos laços sociais, observamos algumas ações em que esta parece se esgotar no próprio ato. Portanto, objetivamos com este escrito, questionar a violência a partir de um referencial psicanalítico, como um fato que se assemelha a uma fonte de frustração ou ‘revolta’ contra a própria civilização. Estaria o representante da lei, o pai simbólico, com o mesmo propósito da civilização, regular o indivíduo dentro de uma ordem, necessitando conter o sujeito em seus desejos, fazendo com que este sujeito renuncie ao gozo causado pela satisfação pulsional deslocado do seu papel de limite? Com isso buscamos, a partir de uma pesquisa teórica, constituir um discurso sobre a violência, na medida em que a observamos como uma qualidade de atos humanos, inserido no laço social, assim como, representa uma manifestação de tendências pulsionais que se inserem na interseção entre natureza e cultura.

Palavras-chave: Juventude; Violência; Laço social; Psicanálise.

ABSTRACT

This article discusses the violence as a concern of our times. It's unpredictability and the growing consciousness of subject's insecurity ends up producing, at the social imaginary, a representation of violence as a blind force that leads to social degradation, promotes life degradation and brings out the subject's destructive tendencies. However, although violence presents a dimension constituted by social bonds, we observe some actions in which this seems to run out as the act itself. Therefore, our focus in this paper is to question the violence from a psychoanalytical approach as a fact that resembles a source of frustration or rebellion against civilization itself. Would the law representative, the symbolic father, have the civilization's same purpose: to regulate the individual within an order, requiring to contain the subject on its desires, having the subject getting to renounce to the enjoyment caused by pulsional satisfaction displaced from its limit role? From a theoretical research we are looking to constitute a discourse about violence observed as a human acts quality, inserted into the social Bond and representing a manifestation of pulsional tendencies that fall at the intersection between nature and culture.

Keywords: love; pain of loss; abandonment; Gestalt; Psychoanalysis.

¹ Psicólogo, Mestre em Educação, Doutor em Psicologia. Pós-Doutor em Educação. Professor da Faculdade CDL.

² Psicóloga, Mestre em Psicologia, Doutora em Psicologia. Professora da Faculdade CDL.

1 INTRODUÇÃO

Uma das características do nosso tempo é a convulsão das certezas e o questionamento das identidades. A crescente velocidade com que se desenvolvem as sociedades modernas agrava esta tendência por uma transformação cada vez mais intensa das estruturas familiares e das certezas baseadas na experiência. O saber tradicional como transmitem as instituições (igrejas, escolas, família e o estado) envelhece com rapidez. Estas instituições vão sendo suplantadas ou substituídas por novas. Os conflitos entre as diferentes ofertas de orientação são resolvidos no “mercado” onde os fins e os conteúdos da vida fazem concorrência uns com os outros, devendo prevalecer às orientações que respondam aos desafios de tornar compatíveis certos conceitos da vida que sejam válidos para o indivíduo, com outros que respaldem a condição comunitária da sociedade.

Atualmente, a sociedade ocidental parece caracterizar-se como um modelo de organização sem nenhum precedente, onde a ciência tomou o lugar da religião, não havendo mais espaço para o impossível – tentamos maquiá-lo – não há lugar para limites e proibições, tudo é permitido e assegurado pelas novas descobertas científicas (Zizek, 2018). Estamos diante de uma crise de referências, a tarefa de pensar o mundo se impõe mais do que nunca. As transformações da sociedade, posteriores ao desenvolvimento acentuado das tecnociências, da evolução, da democracia e do crescimento do liberalismo econômico nos obrigam a repensar nossas certezas sempre.

A sociedade, mundializada pela abertura das fronteiras ao livre mercado, vê a política e a lógica do sistema capitalista neoliberal assegurando ilusoriamente a igualdade de direitos a todos. Vive-se uma subjetividade aditiva em que o consumismo é uma das expressões mais presentes deste fenômeno. É a sociedade do excesso, como uma maneira de relação entre o sujeito e o objeto, o que em psicanálise nomeamos de gozo, pois aparece marcado pela fixação de um consumo fora do limite. Lacan (1959/1997) ao analisar a experiência de gozo na modernidade nos mostra que estamos diante de um “gozo da transgressão” em que a cultura da modernidade não busca simplesmente satisfação de desejos, mas, modos de acesso ao consumo, atravessados pela violência que traz mais dor que prazer. (Zizek, 2010).

Marin (2002) afirma o pressuposto de que estamos, atualmente, diante de uma sociedade de excessos em que só importa realmente o que tem valor de gozo, ela nos fala que “a ordem da cultura é do prazer total, do direito à individualidade e a realização plena dos desejos, o gesto de destruir o outro, que representa ameaça de equilíbrio, é uma saída possível”.

Portanto, vemos claramente hoje, dificuldades dos sujeitos em dispor de “balizas” tanto para tornar mais claras e seguras as suas tomadas de decisões, quanto para analisar as situações com as quais se deparam. Podemos até afirmar que há hoje uma nova forma de viver, diferente das sociedades anteriores, caracterizada pela organização centrada no recalque, da qual nos faz referência Melman (2008):

Estamos passando por uma mutação que nos faz passar de uma economia organizada pelo recalque para uma organizada pelo gozo. Não é mais possível abrir uma revista, admirar personagens ou heróis de nossa sociedade sem que eles estejam marcados pelo estado específico de uma exibição de gozo.

Refletindo sobre a subjetividade na atualidade, diante das características da sociedade contemporânea, Melman (2008) enfatiza que aparecem novas formas de vivenciar direitos, deveres, impossibilidades, dificuldades e sofrimentos que são radicalmente diferentes dos vividos pelas gerações anteriores. Questiona o futuro psíquico do homem contemporâneo, um “homem liberal”, um sujeito “sem gravidade” que experimenta gozos diversos, explora todas as situações e vive um liberalismo psíquico que o autor denomina de polissubjetividade

(Melman). Esse sujeito não é psicótico, mas participa dele, com efeito, atraído pela promessa de que é possível ter vidas múltiplas. Antigamente estávamos condenados a ter uma vida e apenas uma, o que nos é oferecido hoje é experimentar gozos diversos é um “liberalismo psíquico” – pergunta Melman (2008) como um exemplo - Se, podemos encarar isso de outro modo, adotar sucessivamente todas as posições que são oferecidas, por vezes, com efeito de desrealização, você vai querer ter sua vida toda condenada a ser hétero, a tomar tal partido ou amar tal tipo de mulher?

Anteontem, uma existência era organizada por seu início e esse princípio já incluía, de certa forma, seu fim: sabia-se de onde nascia e onde se ia morrer, e o que se passava entre os dois momentos era relativamente previsível. Hoje, poderia parecer que se tem a possibilidade de ter sucessivamente várias vidas diferentes. Diferentes pelo fato das condições sociais, do exercício profissional ou do conjugal, mas também vidas em que o sujeito não seria mais o mesmo, como se houvesse a possibilidade de praticar vários percursos totalmente diferentes de um ponto de vista subjetivo. Quando não for simultaneamente, será sucessivamente (Melman, 2008).

Isso expõe um homem novo, “o homem liberal”, um sujeito “sem gravidade”, em busca de um gozo parcial, livre e anárquico – em busca de uma satisfação plena - cujo sofrimento vai ser diferente. Não é mais fundamentado num inconsciente que diz não ser essa a satisfação suficiente e que deseja mais e sim num sofrimento focado numa desolação de não se sentir legitimado em nenhum lugar que ocupa apesar da liberalização do gozo. A liberalização do gozo – a busca da satisfação plena, sem limites – tem acirrado conflitos que podem se expressar na violência em ato.

Nossa sociedade tem se mostrado de fato mais violenta ou está apenas mais incomodada com essa questão? Os dados da mídia apontam de forma enfática os índices crescentes da violência, oferecendo não só números como também cenas espetaculares sobre a questão. Chama a atenção como os noticiários nacionais trazem um espaço especial para cenas violentas. A violência como espetáculo, fascinando e horrorizando – uma relação de olhar e imaginação que produz gozo. No entanto, o ser humano busca não a violência, mas o prazer, ou seja, um sentimento que o afaste da tensão e da dor. Como, então, articular a violência com a busca pelo prazer?

2 O MAL-ESTAR DA VIOLÊNCIA NA CULTURA

Em seu texto “O Mal-estar na Civilização”, Freud (1930/2010), nos proporciona a base de entendimento para a compreensão do que é o mal-estar vivido na contemporaneidade. Nesta obra, a “felicidade” é colocada como um propósito fundamental da vida humana. Ser feliz e assim permanecer constitui o grande objetivo do programa do princípio do prazer perseguido pelo homem. Entretanto, Freud (1930/2010), ao referir-se à felicidade se expressa assim:

O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência repentina) de necessidades representadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica.

Dessa forma, a felicidade contrasta com o sofrimento que, por sua vez, é mais fácil de ser experimentado. Para ele, o sofrimento é uma ameaça constante ao homem, sendo originado basicamente pelo próprio corpo humano, condenado a decadência e à velhice. Diante da diversidade de fontes que emanam o sofrimento e de sua força, os homens vêm cada vez mais buscando estratégias para evitar o sofrimento, valorizando-as mais do que a busca pelo prazer.

Surge assim neste cenário, o aspecto pulsional em que o sujeito se situa, entre a estrutura biológica, sociocultural, política e econômica e a sua estrutura libidinal-pulsional / psíquica.

Sendo que como esta última não pode ter todas as pulsões contempladas em função da realidade, são operados bloqueios, recalques no fluxo da libido que condicionam a sublimação da sexualidade, produzindo intenso desprazer.

A civilização na medida em que restringe a vida sexual, amplia a unidade cultural, tendo por pressuposto a ideia de que a cultura deve visar a unir os diversos membros da comunidade e quando um relacionamento amoroso acontece, a relação destes com os outros humanos torna-se desnecessária. Daí a necessidade de inibir a libido do homem fortalecendo os laços sociais – civilização e sexualidade tornam-se assim incompatíveis.

A civilização não atingiu em seu curso apenas a sexualidade do homem, mas também sua agressividade. Podemos pensar que o homem primitivo (não civilizado) se encontrava em melhor situação em relação a felicidade que o atual, porém, se a felicidade era conquistada com mais facilidade, a agressividade forte dos homens primitivos a tolhiam facilmente. É fato que o homem contemporâneo trocou parte do prazer por segurança através da repressão dessa agressividade. Freud (1930/2010) argumenta que a agressividade do homem primitivo, reprimida pela civilização, liga-se a um tipo de pulsão, que contraria a preservação da vida, ou seja, paralelamente a pulsão de vida, existe também a pulsão de morte, de onde deriva a agressividade humana.

A forma utilizada pela civilização para restringir a agressividade do homem foi negá-la, introjetá-la, internalizá-la, enviando-a para o seu lugar de origem, dirigi-la ao próprio ego que, por sua vez, está submetido à autoridade do superego. Como diz Freud (1930/2010) “superego atormenta o ego pecador com o mesmo sentimento de ansiedade e fica à espera de oportunidades para fazê-lo punido pelo mundo externo.

A civilização consegue dominar o instinto agressivo do sujeito, enfraquecendo e desarmando-o, criando em seu interior um sensor para ocupar-se dele – o superego. No entanto, a trajetória empreendida obedece a uma sequência:

Conhecemos, assim, duas origens do sentimento de culpa: uma que surge do medo de uma autoridade, e outra, posterior, que surge do medo do superego. A primeira insiste numa renúncia às satisfações instintivas; a segunda, ao mesmo tempo em que faz isso exige punição, de uma vez que a continuação dos desejos proibidos não pode ser escondida do superego (Freud, 1930/2010).

A renúncia ao instinto ocorre primeiro, devido ao medo de agressão da autoridade externa, depois vem a organização de uma autoridade interna e a renúncia ao instinto por medo dela, ou seja, ao medo da consciência. Nessa segunda situação, os “maus” desejos são igualados às más ações, daí surgem sentimentos de culpa e necessidade de punição. O sentimento de culpa é enfocado como uma espécie de ansiedade, insatisfação ou mal-estar através do qual as pessoas terão que buscar outros desejos motivadores para suas vidas. Freud (1930/2010) preconiza o sentimento de culpa na seguinte dimensão:

Corresponde fielmente à minha intenção representar o sentimento de culpa como o mais importante problema do desenvolvimento da civilização, e de demonstrar que o preço que pagamos por nosso avanço em termos de civilização é uma perda de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa.

Freud (1930/2010) tenta mostrar que, se a civilização se impõe ao desenvolvimento da humanidade, passa obrigatoriamente pelo conflito entre os instintos de preservação de vida e de morte, o qual implica um aumento do sentimento de culpa, sentimento esse reconhecido por ele como o mais importante problema da civilização.

Numa sociedade da complexidade, inerente a este início de século, o mal-estar como sintoma, conforme descrito por Freud (1930/2010), pode ser recontextualizado, já que podemos

dizer que o mal-estar na cultura passa a ser sentido pelos sujeitos como “cultura do mal-estar”, o que significa dizer que o mal-estar além de ser um elemento constitutivo e opositor da civilização, ao mesmo tempo, se estabelece na atualidade como uma condição própria da civilização. Passa a ser um mal-estar estrutural que se incorporou ao próprio ser humano na dimensão individual e social.

Na construção teórica e no âmbito que se desenvolve o fenômeno da violência praticada pelos jovens na atualidade, percebe-se claramente a dinâmica que envolve o mal-estar e a subjetividade. Para parte dos jovens envolvidos com violências, o objetivo de buscar felicidade foi substituído pela realização de desejos imediatos ou pela expectativa de permanecer vivo.

Nesse contexto, de aparente regressão ao constitucional, o confronto é encarado como necessidade e levado às últimas consequências. Nessa realidade os conflitos entre as pulsões de vida e de morte também se estabelecem. É a partir desse mal-estar que o ser humano busca motivações para sua vida. Nesse sentido, o modo pelo qual os sujeitos vivem suas subjetividades oscila entre dois extremos, um na qual ele se submete à subjetividade apontada pela sociedade (alienante e opressora) e outra de expressão mais criativa, na qual o sujeito se apropria de componentes da subjetividade e produz um processo de alteridade ou singularização, enfatizando a violência como uma preocupação da nossa sociedade, pois sua imprevisibilidade e crescente consciência de impotência, produz, socialmente, a representação da violência como uma força pulsional incontrolável que leva a degradação social, favorece a banalização da vida e faz emergir tendências destrutivas no sujeito que apresenta uma dimensão construída no laço social.

Buscamos, portanto, um discurso sobre a violência, na medida em que a observamos como uma qualidade de atos humanos, inseridos no laço social e representando manifestação de tendências pulsionais que se inserem na interseção entre natureza e cultura. Partimos do pressuposto de que as atuações violentas se constituem como modo de resposta pulsional frente às manifestações da violência fundamental, da instauração da lei, do estabelecimento dos laços sociais em que vivenciamos um estado de desamparo que encontra na violência, uma saída subjetiva.

Nesse sentido destacamos a violência dos jovens entendendo que esta parece emergir como resultado dos laços sociais, ou seja, como um esquema de organização, resultado de um mal-estar vivido pelo adolescente diante das tentativas de subjetivação (Freud, 1930 / 2010).

Para Rassial (1997) a juventude é um momento de transformações que traz influências da infância e novas formas de subjetivação: “é menos uma crise única do que exemplar, que o adulto parece querer esquecer para sublinhar a barreira ilusória que o separaria da criança” (p.13). Destaca que essa é uma fase de ambiguidades, vivenciada inicialmente por um “vazio do ser, da pretensão da Lei e da vacuidade do saber que inaugura esse tempo de recapitulação” (p. 09).

Silva Júnior (2007) e Gurski (2008), afirmam que os “atos” de violência que atingem os jovens, provocam sentimentos ambíguos de repúdio e mais violência, suas ações induzem a formação, no imaginário social de uma representação da violência como uma força pulsional cega que produz novas formas de organização das relações sociais, pois o jovem, diante de um vazio aniquilador, ressalta o lado da violência pulsional, agindo para sair da passividade e, assim, ocupar o lugar dos que decidem.

Portanto, pensamos a violência como um momento paradoxal em que o jovem, tomado por um vazio, ao mesmo tempo em que comete um ato de violência, na tentativa de subjetivar essa posição, é tomado por repúdio a outros atos de violência. Esse repúdio promove a criação de leis próprias – proibições – que não devem ser transgredidas como forma de evitação dessa violência.

Para Carneiro (2020) esse discurso dos jovens de ato e repúdio, apresenta uma lógica falaciosa, pois leva a perpetuação de uma nova forma de violência que indica uma

desorganização dos laços sociais em que os limites entre desejo e necessidade não são mais percebidos, demonstrando assim, o aspecto pulsional da violência como verdadeira ameaça para o sujeito. Logo, destacamos a violência como uma qualidade sintomática de atos humanos inserido no laço social, ou seja, uma forma de organização subjetiva decorrente de um sofrimento psíquico.

Acreditamos, como nos mostra Salun (2009), que a psicanálise deve “se interessar, não pelas normas que visam regular o mundo, mas pela forma como o sujeito articula, ou não, a instauração de uma lei em sua subjetividade, quer dizer, se ele inscreve a castração” pois é justamente essa saída que possibilitará uma organização subjetiva ao adolescente.

Na tentativa de favorecer um maior entendimento das questões que envolvem a violência praticada por adolescentes procuramos contextualizar a juventude como segmento onde se fazem presentes ecos na subjetividade em consequência da relação: sociedade contemporânea e sujeito pulsional.

3 CULTURA DA VIOLÊNCIA E CONSTRUÇÃO SUBJETIVA DO JOVEM CONTEMPORÂNEO

A juventude só passa a fazer parte do campo das discussões e reflexões dos diversos segmentos sociais no final do século XIX e mais intensamente desde o início do século XX. Até esse período não havia uma nítida demarcação entre essa etapa da vida e a fase adulta. A partir daí, os jovens passaram a ter acesso a uma cultura cujos processos de aprendizagem eram decorrentes de uma prática social que favorecia o estabelecimento de um sentimento de confiança nas tarefas que executavam, dessa forma, a partir de uma atmosfera de segurança que era perpassada, a emancipação e a autonomia tinham a possibilidade mais efetiva de fazer parte do cotidiano do jovem, podendo este tornar-se sujeito de sua própria história.

Como passagem, período de transição, a adolescência e a juventude são uma invenção moderna, aparecendo, portanto, num período em que a sociedade passa por mudanças cada vez mais aceleradas nos seus estilos, padrões e valores, que influenciam diretamente os paradigmas predominantes dessa época, assim como, levam o jovem adulto a introjetar no seu ser características similares de fluidez e instabilidade, bem como a incorporação na formação de sua subjetividade de modelos e valores morais destes novos tempos.

Influenciada pela exacerbação do individualismo, característico da sociedade atual, percebe-se hoje na juventude, em especial, quase um culto a si, cada um preocupando-se apenas consigo. Isso se expressa através da vivência de sua vida privada com tal intensidade que a dimensão da história e do passado social público, comum a todos, fica como experiência acessória, destaca Ribeiro (2010).

Há por parte da juventude, de uma maneira geral, um sentimento de desvinculação entre história e vida pessoal. A memória cultivada refere-se mais a eventos pessoais, familiares ou de pequenos grupos, perdendo a memória social coletiva.

Esse fenômeno de intensificação de vivências individualistas, no entanto, não é exclusivo do jovem, atingindo também outras gerações ou faixas etárias. O que passa a valer aqui é a vida pessoal no momento presente vivida em modelos espaciais padronizados, como, por exemplo, os shoppings. (Ribeiro, 2010).

Numa cultura assim individualizante, focada no presente, que supervaloriza a estética, o espetáculo e o consumo, onde o sucesso como conceito a ser buscado por todos, está vinculado ao poder e a riqueza. E que, como fator intensificador de conflitos, não consegue superar os graves problemas sociais oriundos de uma distribuição de renda injusta, a cultura da violência se instala, afetando a adolescência com intensidade especial.

Numa tentativa de controle dos comportamentos da juventude, considerados “tutores da desordem” os processos de aprendizagem foram desconectados da experiência social e passaram a representar modelos disciplinares na família e na escola – quase sempre, na atualidade, pouco eficientes - sendo a singularidade do jovem trocada por normas uniformes de comportamentos, mais pautados pela imagem, ou seja, por critérios estéticos do que éticos, condizentes com o pensamento predominante. Na medida em que a sociedade contemporânea nega a singularidade em seus processos educacionais e difunde uma cultura onde impera o narcisismo e a satisfação pessoal dos sujeitos, em condutas pautadas pelo gozo ou pela conquista da felicidade plena a qualquer custo, destina a estes jovens a instabilidade e a vulnerabilidade condizentes com uma fase de transição incompleta, inacabada, intensificando-a, invertendo o processo de sociedade que em sua idealização inicial buscava ajudá-los a superar.

O conceito de adolescência é ainda mais recente que o de juventude, sendo derivado do latim *ad* (para) e *olescer* (crescer), caracterizando uma etapa da juventude de 10 aos 20 anos de acordo com a Organização Mundial da Saúde – OMS, significando apto a crescer. Alguns autores referem-se aos significados de *adoecer* e “dolo”, causar dano, como sendo possíveis significados etimológicos para o termo, que possivelmente surgiu no período entre guerras. É a fase de transição entre a infância e a idade adulta, repleto de crises normativas que deixam as vivências do sujeito marcadas por sentimentos turbulentos e intensos, ligados às perdas características desta fase da vida, fase essa, fundamental na estruturação da identidade do sujeito.

Tornar-se livre, responsável e autônomo numa sociedade assim é o grande desafio colocado aos adolescentes. Em especial, quando ocorre na grande mídia uma espetacularização da violência, fascinando e horrorizando, além de uma associação entre adolescência e delinquência que leva a um clamor social pela criminalização dos comportamentos e aumento da repressão e punição legal, defendendo a criação de leis que reduzam a maioria penal e mudanças no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, em mais uma ação da sociedade que mais uma vez uniformiza condutas e nega a alteridade do sujeito. Lembremos que Freud (1919/2010) apontava que toda legislação se mantém com o recurso do poder, que nada mais é que uma forma de violência, revelando as derrapagens de nosso processo civilizatório.

Penso que hoje, o adolescente pode estar ocupando o lugar do estrangeiro. Se ele não está no front de guerra contra os “maus estrangeiros”, então deve ocupar o lugar das rebeliões da Febem, transfigurando-se no incendiário, no perigoso, justificando seu extermínio ou controle coercitivo que abate seu corpo e identidade. (Marin, 2002)

Lembremos das cenas que assistimos nos telejornais, de jovens rebelados que são “apreendidos” pela tropa de choque da polícia militar nas casas de internação. Prisioneiros, sentados em aglomerados e nus, parece um cenário de guerra. Diz Marin (2002) que:

Nesse cenário, quem é o violento? Qual é o apaziguamento procurado/ Em nome de quem? Em nome de poupar os adultos, que até então invejavam a capacidade da juventude de gozar, de lutar, de expressar seu descontentamento, de buscar o prazer de forma incessante através do consumo de grifes, drogas, que procuram realizar a promessa de um mundo sem conflitos e sofrimentos.

Em nome de poupar a sociedade, se pratica uma forma de violência oficial por meios discutíveis.

A família que deveria servir de referência está em crise, desestruturada, incapaz de realizar a formação necessária ao convívio social. A escola, não consegue acolher e manter crianças e adolescentes por tempo suficiente para uma formação pessoal e intelectual de qualidade onde apenas 48% dos alunos terminam o Ensino Fundamental e ingressam no Ensino

Médio, segundo dados do Ministério da Educação em 2012. Sem falar na falta de assistência a saúde e do pouco acesso à cultura e lazer de qualidade.

As falhas nas promessas de felicidade antes garantidas pela sociedade, e não atendidas pelos equipamentos sociais que deveriam assistir a criança e ao adolescente, são formas de violência estrutural ao impedir os sujeitos de se realizarem.

O adolescente como procurei evidenciar, está em busca de filiação e de reconhecimento, tentando encontrar desesperadamente no social o lugar que lhe foi prometido, acenado, vendido, e que, em tantos casos, está inacessível. (Marin, 2002).

Nas condutas antissociais dos adolescentes estão presentes gritos de socorro e denúncias dos paradoxos sociais que deixam claras as faces do mal-estar. Uma revolta que clama pelo direito a singularidade numa sociedade que, com sua voz imperativa das formações massificantes, mata a ascensão do sujeito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência não é um fato novo, os relatos históricos mostram sua manifestação acompanhando o processo civilizatório. Arendt (1970), confirma que ninguém que se tenha dedicado a pensar a história e a política pode ficar alheio ao enorme papel que a violência sempre desempenhou nos negócios humanos.

O século XX foi marcado no plano mundial por guerras e revoluções mais que em qualquer outra época, o que fez com que a temática da violência fosse estudada, considerada e difundida como nunca se fez anteriormente, foram cerca de 187 milhões de seres humanos mortos ou deixados à morte por decisão humana, segundo Eric Hobsbawm (2002).

Chama a atenção o fato de que há um paradoxo na nossa contemporaneidade: ao mesmo tempo em que há um discurso insistente sobre a violência, ela tenta negá-lo, diz Marin (2002). Enquanto o que mais parece assustar o homem contemporâneo é ter que se assumir violento, tendo que reprimir e frustrar, maiores têm sido as manifestações de violência em nossa sociedade.

O termo violência, que significa - ato de impor sobre o outro sua vontade por coação física ou moral - tem sido utilizado como referência para uma multiplicidade de ações e agentes, alguns desses fenômenos são claros quanto ao seu efeito violento, outros são mais sutis. O termo é utilizado para expressar atos de violência no mundo social, mas também para definir a importância da agressividade na constituição do psiquismo.

O mundo dito civilizado impôs limites à satisfação humana, contudo os índices alarmantes da violência parecem questionar o ideal civilizatório. A vida com seus sofrimentos oferece ao sujeito situações paliativas que permitem suprir suas necessidades, oferecendo uma felicidade ilusória, na maioria das vezes impossível de ser alcançada. Os homens tentam conciliar a ausência de sofrimento e prazer com a busca de extremo prazer, segundo Freud (1930/2010) impossível de ser vivida de forma plena e perene.

Diante da relação estabelecida entre o eu e o objeto é possível pensar que o sujeito atribui ao objeto a condição de completá-lo, portanto, perdê-lo se torna condição dolorosa fazendo com que a ausência de satisfação ou o mero adiamento podem levar ao aparecimento de violência em ato. O convívio social apresenta-se como fonte de insatisfação do sujeito levando a uma posição primitiva do seu psiquismo como meio de proteger-se, dando abertura para a manifestação de impulsos agressivos.

Todo esse movimento em torno da violência aponta para o que Freud (1920/2010) chamou de pulsão de morte, que trabalha de forma discreta no aparelho psíquico dando prosseguimento a um projeto destrutivo. Para que a destruição não seja voltada para o próprio

eu, aniquilando-o, volta-se o poder destrutivo para algo externo. Necessário se faz um anteparo que se constrói pelas vivências de amor e imposição da lei pela autoridade do *Outro*, que deve estar internamente constituída de maneira sólida, caso esteja inscrito de forma fragilizada, não funcionará como limite para o sujeito, podendo este acabar jogando toda sua agressão para si ou para o próximo, como um ato vingativo pela angústia gerada pela ausência de punição da autoridade deflagradora do sentimento primitivo de desamparo.

Nesse sentido, os jovens, pelo momento maturacional que estão submetidos, estão mais propensos a viver esta angústia do desamparo – que é uma das sensações mais terríveis que se pode vivenciar - conseqüentemente, a passarem para uma expressão intensa de agressividade destrutiva. Seus laços sociais vão ser organizados baseados nesse desamparo. Diante de Leis difusas o excesso pulsional toma corpo, sendo um dos seus efeitos a violência colocada em um processo de repetição como uma tentativa de se livrar do mal-estar que lhe atormenta em um mundo que lhe parece sem limites.

No seminário sobre a Angústia, Lacan (1962/2005) fala de passagem ao ato ou *acting out*, afirmando que é qualquer coisa na conduta do sujeito que se mostra, é comumente admitido como um termo que designa um ato violento, impulsivo e imediato, esgotando toda a capacidade de mentalização, ou quase, sendo direcionada ao outro. No adolescente ainda podemos perceber que pode ocorrer uma ausência de configuração de objetos internos e externos, já que o agir violento impõe uma corrente libidinal que age no sentido de destruir o que está fora, evitando todo conflito interno.

Amparo (2010) investiga em que a passagem ao ato nos indicaria sobre a dinâmica psíquica do adolescente que o torna mais propenso a praticar condutas de violência.

A adolescência coloca em perspectiva uma modificação completa da identidade corporal, psicológica e sexual, ao mesmo tempo em que aponta a fragilidade narcísica que, nesse momento de remanejamento pode levar o adolescente a agir, para sair da intensidade das transformações.

Nessa ótica, o adolescente é apresentado principalmente sob o ângulo da carência: as faltas relativas à capacidade de representação de seus conflitos psíquicos e o trabalho de ligação que ele implica teriam sua origem em uma vivência afetada pelas carências na relação mãe-bebê. É importante, portanto, diferenciar a violência adolescente de caráter delituoso, da violência interna de caráter pubertário que envolve as transformações que o adolescente passa, vividas por alguns como verdadeiros traumas. Na adolescência o *acting out* pode ser ao mesmo tempo uma defesa contra a angústia e um potencial de elaboração do pensamento por meio de colocar para fora de si objetos destrutivos. Sobre esse aspecto, nos diz Amparo (2010), os atos não falam por si, o sentido de um ato tem que ser analisado a partir das dimensões psicopatológica e subjetiva, aspectos contextuais, trajetória de vida, dentre outros.

Quando colocamos em hipóteses, aspectos de natureza metapsicológica temos que considerar como condição essencial para a emergência da violência o ataque ao narcisismo e a defesa do que é percebido como uma ameaça à identidade, considerando que as suas diferentes modalidades de expressão apontam para os remanejamentos defensivos do eu, e para a capacidade de ligação com a libido.

A passagem ao ato toca dimensões narcísicas e objetais, bem como a forma com que o sujeito lida com a agressão, suas raízes psíquicas e a ligação com o impulso destrutivo interior, também pode ser compreendido pelo seu valor econômico de evitar um conflito interno, na medida em que o objeto não se mostra sendo interno, mas sim, presente na realidade externa, no outro.

REFERÊNCIAS

AMPARO, D. [et al.]. *Adolescência e violência*. Brasília: Liber, 2010.

ARENT, H. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

CARNEIRO, H. et al. Violência, culpa e ato: causas e efeitos subjetivos em adolescentes. *Psicologia em Revista* (Impressa), 2010.

FREUD, S. **Mal-estar na civilização**: obras completas. [trad. Paulo César de Sousa]. São Paulo: Cia das Letras. v. 18, 1930/2010.

FREUD, S. **Além do princípio do prazer**: obras completas. [trad. Paulo César de Sousa]. São Paulo: Cia das Letras. v. 14, 1920/2010.

GURSKI, R. *Juventude e paixão pelo real: problematizações sobre transmissão e experiência no laço social atual*. Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

HOBBSAW, E. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KLOSINSKI, G. *Adolescência hoje: situações, conflitos e desafios*. Petrópolis: Vozes, 2006.

LACAN, J. *O seminário, a angústia, livro 10*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1962/2005.

MARIN, I. *Violências*. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2002.

MELMAN, C. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

RASSIAL, J. *A passagem adolescente: da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

RIBEIRO, L. T. F. & Ribeiro, M. A. P. *Temas Educacionais: uma coletânea de artigos*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

SILVA JR., J. *Violência: sintoma contemporâneo?* Rio de Janeiro, 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

SALUN, M. *A Psicanálise e o crime: causa e responsabilidade nos atos criminosos, agressões e violência na clínica psicanalítica contemporânea*. Rio de Janeiro, 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

SOUSA, M. L. R. *Violência*. São Paulo: Casa do Psicólogo. Coleção clínica psicanalítica, 2012.

ZIZEK, S. *Como ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ZIZEK, S. *A visão em paralaxe*. São Paulo: Boitempo, 2018